

Portugal perdeu 930 mil crianças em 30 anos

Percentagem

de menores de 15 anos na população desceu para metade desde 1960

Helena Norte
helenan@jn.pt

EM 30 ANOS, Portugal perdeu 936 mil crianças. A queda da natalidade registada em meio século traduz-se na redução, para metade, da percentagem de menores de 15 anos na população portuguesa. O crescimento do emprego e a melhoria das condições de trabalho e familiares das mães ajudariam a inverter esta tendência.

No início da década de 60, residiam em Portugal quase 2,6 milhões de crianças – um número que durante 20 anos não sofreu grandes alterações. A quebra da natalidade começou nos anos de 80 e o impacto na estrutura demográfica do país é deveras preocupante. No curto espaço de três décadas, um país com 10,5 milhões de habitantes regista menos 936 mil crianças. Em termos percentuais, significa uma diminuição de 37,3%, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), divulgados a propósito do Dia Mundial da Criança que amanhã se assinala.

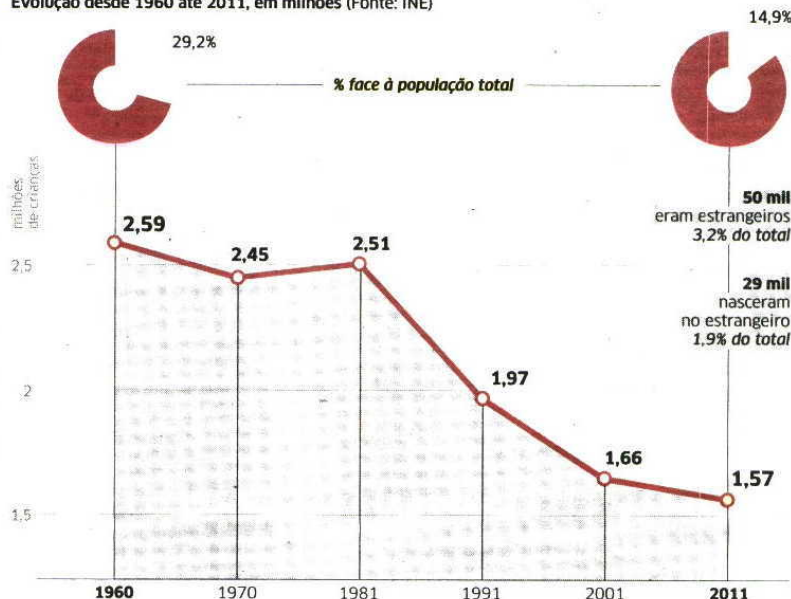
No ano passado, verificou-se o mínimo histórico de nascimentos: 82.787, menos de metade dos 213.895 de 1960. Da conjugação do crescimento da população e da diminuição dos nascimentos resulta uma pirâmide demográfica

assaz envelhecida. Segundo os Censos 2011, a percentagem de crianças na população era de 14,9% – metade do que em 1960 (29,2%).

As crianças portuguesas crescem em famílias cada vez mais pequenas (46% vivem sem outras crianças) e fragilizadas do ponto de vista económico. Um quarto dos menores de 18 anos está em risco de pobreza e a tendência é para aumentar.

Do ponto de vista demográfico, a situação de Portugal é das mais preocupantes no contexto de uma Europa envelhecida porque, não só apresenta índices de fecundidade muito baixos como as mulheres têm filhos muito tarde, considera a Maria Filomena Mendes. A baixa natalidade está, na opinião da presidente da Associação Portuguesa de Demografia, diretamente relacionada com o desemprego e o trabalho precário, porque “condicionam muito as expectativas de futuro e a decisão de ter um filho é um compromisso vitalício”. No inquérito à fecundidade, realizado no passado,

//N.º DE CRIANÇAS (0-14 ANOS) EM PORTUGAL
Evolução desde 1960 até 2011, em milhões (Fonte: INE)



concluía-se que são as condições laborais e económicas que impedem os portugueses de terem mais filhos.

Ressaltando que se trata de uma situação complexa que não se resolve com políticas unidimensionais, a demógrafa defende medidas que ajudem as mães a conciliarem as esferas profissional e familiar.

A par da crise económica, a sociedade portuguesa atravessa uma grave crise de esperança, sublinha o sociólogo Manuel Carlos Silva. “As políticas que têm sido introduzidas não promovem a esperança de mudança e a elevada abstenção das últimas eleições é disso sinal”, acrescenta o docente da Universidade do Minho. ●

UM QUINTO DAS CRIANÇAS SOFRE DE DOENÇA MENTAL

► Um quinto das crianças portuguesas sofre de alguma perturbação mental e a maioria não está a receber tratamento, alerta a Ordem dos Psicólogos. “Há um conjunto de situações de carácter psicológico e de saúde psicológica que estão a ter uma expressão muito significativa entre as crianças e os jovens e que não podemos continuar a ignorar”, considera o bastonário Telmo Mourinho Baptista. “Se for considerada esta prevalência, numa sala de aula com 30 alunos, existi-

riam cerca de seis crianças com problemas de saúde psicológica”, adianta a Ordem, estimando que apenas 10 a 15% dos jovens com problemas recebem ajuda. No Serviço Nacional de Saúde, existem apenas 84 psicólogos a trabalhar na área da infância e na adolescência, segundo o bastonário, que considera muito preocupante que 32% das crianças com 11 anos sejam vítimas de bullying e que 35% das raparigas de 15 anos refiram sintomas somáticos e psicológicos.

PERSPETIVA

36%

de redução entre 2012 e 2060

INE perspetiva diminuição do número de crianças entre 25% e 62%, sendo de 36% no cenário central.

Esperança de vida volta a aumentar

A **ESPERANÇA** média de vida à nascença e aos 65 anos voltou a aumentar na população de Portugal, fixando-se nos 80 anos e nos 18,97 anos, respetivamente, no triénio 2011-2013, divulgou ontem o Instituto Nacional de Estatística (INE).

De acordo com as Tábuas de Mortalidade para 2011-2013 do INE, os valores definitivos da esperança média de vida à

nascença para aquele período foram de 80,00 anos para ambos os sexos, de 76,91 anos para os homens e de 82,79 anos para as mulheres. No triénio anterior, de 2008 a 2010, a esperança média de vida era de 79,20 anos para ambos os sexos, de 76,14 anos para os homens e de 82,05 anos para as mulheres.

Segundo os mesmos dados do INE, na última década a

esperança de vida à nascença da população residente aumentou cerca de três anos, mais 3,36 anos para os homens e 2,58 anos para as mulheres relativamente aos valores estimados para o período 2001-2003 (73,55 e 80,21 anos para homens e mulheres, respetivamente).

Mulheres vivem mais
“As mulheres continuam a

ESTATÍSTICA

80

anos é a esperança média de vida para ambos os sexos.

viver mais anos do que os homens, contudo a expectativa de vida de homens e de mulheres tem vindo a aproximar-se, com os maiores ganhos a registarem-se na população masculina”, nota aquele instituto de estatística.

Relativamente à esperança média de vida dos portugueses aos 65 anos, no período 2011 a 2013, situou-se nos 18,97 anos para os dois sexos, sendo de 17,07 anos entre os homens e de 20,40 entre as mulheres. ●



P.10

Perdemos 930 mil crianças em 30 anos